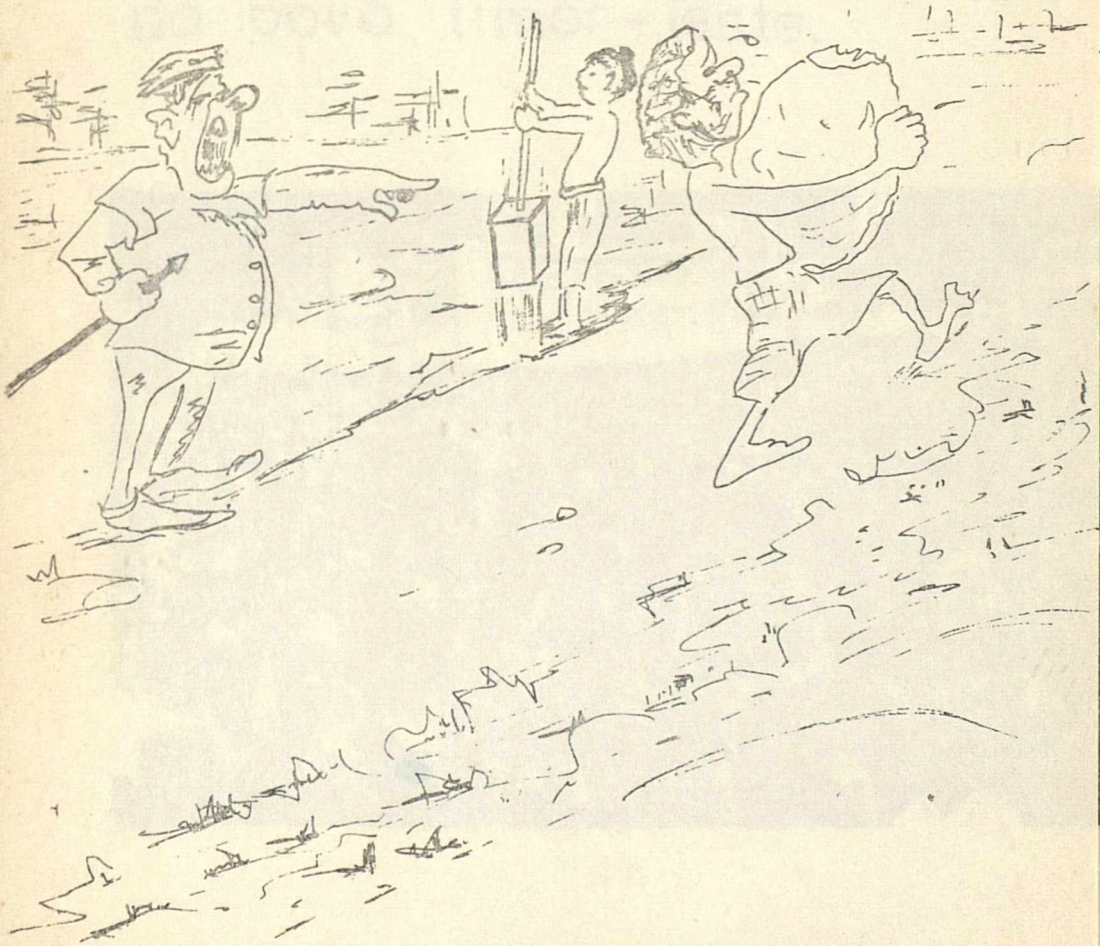
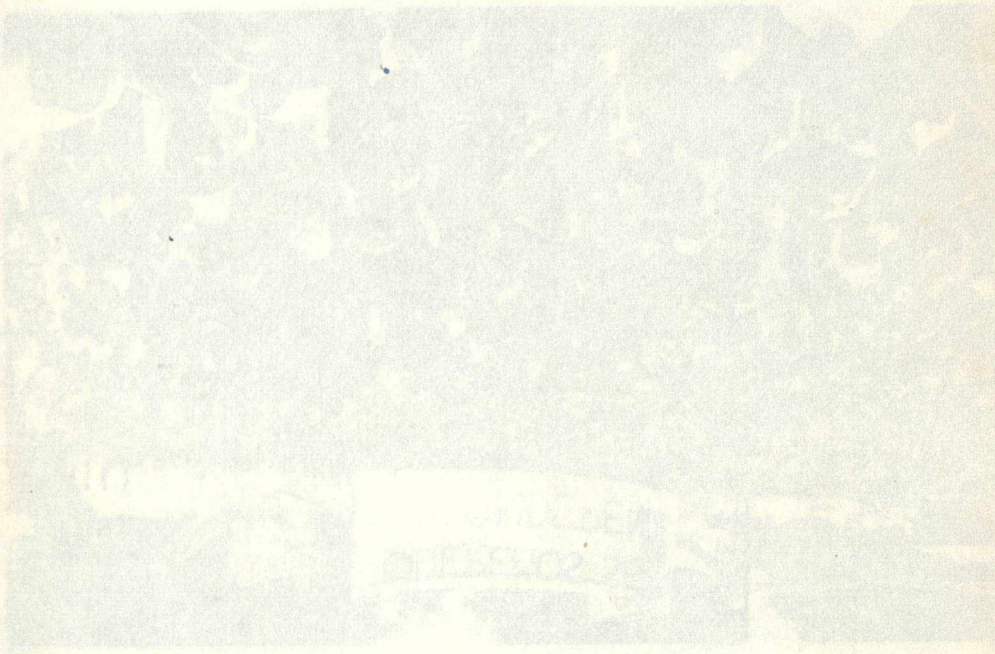
TL 2670

A REALIDADE COLONIAL EM TIMOR-LESTE



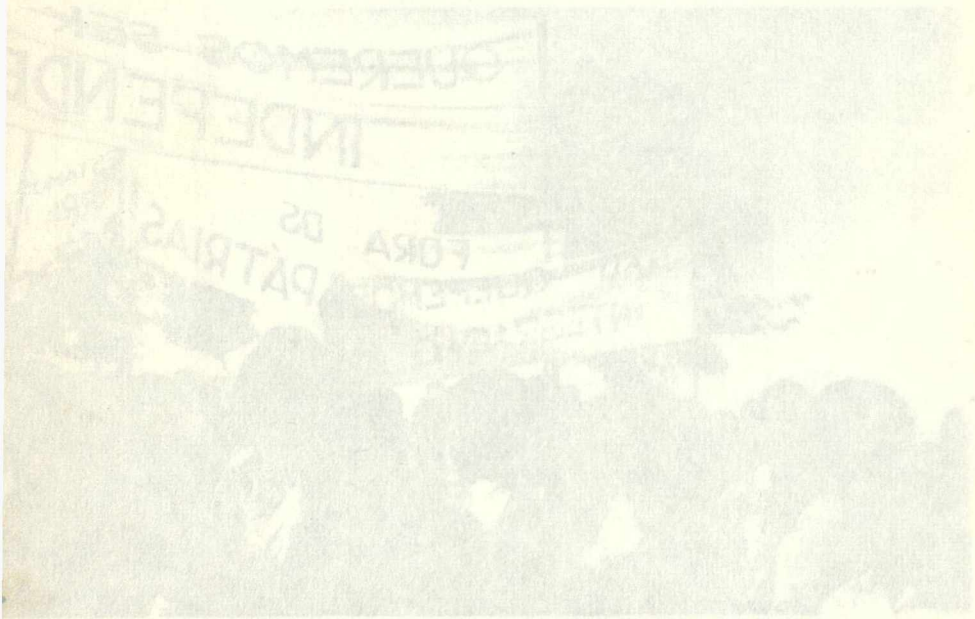
Edição da CASA DOS TIMORES

FRETILIN - Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente, único e legítimo representante do povo timor-leste.



Assim como não existe fascismo liberal, também não há colonialismo democrático. A independência total sem qualquer exploração do Homem pelo Homem é a única via para uma real libertação.

Unamo-nos numa frente única, bem sólida, contra o colonialismo, na certeza de que este arrastará na sua queda o capitalismo.



INTRODUÇÃO

Depois de quase meio milénio de "presença lusíada" em Timor-Leste, ainda o povo português pouco ou nada conhece da problemática sócio-económica e da realidade histórico-política criada pela acção colonialista.

Por tal estado de coisas é responsável o aparelho ideológico condicionante da informação ainda activo no contexto da necessidade de impedir que os interesses profundos dos povos timor e portuguêses sejam concretamente expressos.

O povo de Timor-Leste embora não tenha formado, antes de 25 de Abril, um movimento de libertação que representasse a sua vanguarda revolucionária, não é, na realidade, aquele "povo submisso e obediente que sempre reconheceu e olhou com bons olhos a presença colonial portuguesa". NÃO! ANTES PELO CONTRÁRIO. Ao longo dos séculos do colonialismo português, o povo timor-leste sempre se mostrou inconformado com o jugo colonial, contextando-o manifestamente. A sua luta pela libertação e a independência sempre foi bem patente e reiterado de modo heróico como o atestam as rebeliões imediatamente desencadeadas contra a opressão, continuadas ao longo dos séculos e, mais recentemente, comprovadas pelas revoltas de 1912/13 e todas as que se lhes seguiram antes e durante a ocupação japonesa (1942/45). Após esta ocupação, e apesar de o colonialismo português ter finalmente consumado o seu controle da totalidade da formação social timor, não conseguiu, ainda que com extrema violência evitar a revolta de 1959, que redundou num massacre por parte do opressor. Perante ela, o governo colonial fascista não tinha outra via senão deturpar os factos apontando os responsáveis como traidores, desenraizando-os do contexto libertador-revolucionário donde emergiam.

O texto que se segue foi redigido para a intervenção da Casa dos Timores na sessão de encerramento da "Semana de Solidariedade com os Povos das Colónias e República da Guiné-Bissau", a qual coincide com o 18º aniversário da fundação do MPLA (10.12.74).

No último momento e a pedido do Centro de Infor-

ação e Documentação Anti-Colonial (CIDAC), foram su
primidas, por falta de tempo , as passagens referentes
es à análise da situação colonial, desde 32ª linha da
página 7 até a 1a.linha da página 14. Em sua substi-
tuição foi incluído o seguinte:

"Dada a exiguidade de tempo disponível para fazer uma análise profunda da situação colonial, bem como o enquadramento da colónia nas suas coordenadas geo-políticas para que melhor se possa compreender qualquer acção levada a efeito pela Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), como pretendíamos, limitamos a nossa intervenção a uma informação dos últimos acontecimentos mais marcados que afectam a vida política dos timores.

A fundação da A.S.D.T. (Associação Social-Democrata Timorense) corresponde aos anseios dos povos oprimidos do Timor-Leste".

No entanto, devido à sua importância, achamos oportuno apresentar o texto completo para que "melhor se possa compreender quaquer acção que nessa colónia se desenvolva.".

Lisboa, 12-12-1974

CAMARADAS !

Não tendo sido recebida a tempo a mensagem da FRETILIN (Frente revolucionária de Timor-Leste Independente), único e legítimo representante do povo de Timor, povo esse que neste momento prossegue resolutamente a sua luta pela libertação e independência nacional, nós, em nome da Casa dos Timores e no de todo o povo oprimido de Timor-Leste, saudamos militantemente os camaradas presentes e em especial:

- o povo angolano e a sua vanguarda revolucionária, o MPLA, que nesta data histórica comemora solenemente o 18º aniversário da sua fundação - Viva o MPLA;
- o povo moçambicano e a sua vanguarda revolucionária, a FRELIMO, na sua luta persistente pela destruição total do colonialismo, do neo-colonialismo, do capitalismo e do imperialismo - Viva a FRELIMO;
- o povo da jovem Republica da Guiné-Bissau e o de Cabo Verde, sob a gloriosa direcção do PAIGC, os quais neste momento lutam pela total e completa independência de Cabo Verde - Viva o PAIGC, Viva a Unidade Guiné-Cabo Verde;
- o povo de S. Tomé e Príncipe e a sua vanguarda revolucionária, o MLSTP, que caminha irreversivelmente para a vitória final - Viva o MLSTP;
- o povo português, aliado directo dos povos das colónias na sua luta contra o capitalismo e o imperialismo - Viva a justa luta do povo português;

CAMARADAS !

Para dar uma panorâmica geral sobre a situação em Timor-Leste - lembremos aqui que Portugal administra a metade oriental da ilha de Timor, bem como os ilhéus de Ataúro e de Jaco e o enclave de Oe-Cusse - achamos necessário não só fazer uma brevs história sobre as actividades coloniais desenvolvidas ao longo dos séculos, mas também, e essencialmente, a sua situação geo-política.

Não conhecemos nenhum povo da História que se

deixa submeter facilmente pelos seus inimigos. Timor não faz excepção! Lutas sangrentas travadas desde os primeiros dias da chegada dos colonialistas assinalaram os rastos da passagem de todos os opressores que tentaram apoderar-se da ilha, lutas que os próprios colonialistas não puderam ocultar. Dentre elas destacamos as revoltas de Camenassè em 1719, os levantamentos de Lacló em 1912 - famosa guerra de Manu Fahi, chefeada por Boaventura, onde, dada a desigualdade de armas e de forças, foram imoladas diversas vidas, que defendiam e combatiam pela defesa de liberdade e de independência - as ocorridas durante 1942/45, quando Timor foi palco de guerra imperialista nipo-australiana, apelidando impròpriamente os patriotas de"colunas negras" para criar um clima de tensão propício à realização dos seus desígnios e de cuja propagação se encarregavam os traidores e mais recentemente a subleva ção de Uatu Lari em 1959, que o opressor afoga num massacre, julgando poder silenciar a voz do heróico povo timor-leste.

CAMARADAS !

Após terem sido redundadas em fracasso as sucessivas revoltas de libertação nacional, devido à acentuada desigualdade de armas e de forças, o povo timor viu-se obrigado a adoptar uma nova forma de luta contra o seu opressor: a resistência passiva.

É um facto que sobre Timor nada se tem feito, nada se tem escrito, pois a exploração desenfreada não permitiu aos colonialistas dedicar o seu tempo a mais nada. Quando fazem referências não é para interpretar os verdadeiros sent$mentos do povo, mas antes pelo contrário, para descrever as suas"aventuras" e realçar os seus feitos lamentavelmente tristes, ou ainda, para propagandear os traidores que com eles conluiaram, apresentando-os como "heróis" e "modelos" a seguir.

Se analizarmos a distribuição da rede de estrada, os pouquíssimos meios de transporte, etc., verificamos que o que se fez e se faz prova a subordinação do aparelho do Estado aos interesses da classe exploradora.

No sector educacional, basta dizer que mais de

95% da população é analfabeta para resumir de uma maneira inequívoca as actividades desenvolvidas neste importantíssimo campo de acção. Os primeiros beneficiários previlegiados da instrução não pode deixar de ser, como é evidente, os filhos de régulos, elite que o colonialismo necessitou para controlar a população. Com o andar dos tempos, a táctica foi mudando. Primeiramente a criação de um liceu. As contradições agudizam-se. É necessária a formação de técnicos autóctones. Bolsas de estudo são concedidas com a preocupação máxima de formação exclusiva de técnicos. Não queremos deixar de citar uma frase proferida por um bispo - esbirro da aliança Igreja-Estado - da Diocese de Dili:"ao timor é mais preciso picareta que caneta". Não precisa de comentários!

Nos serviços de saúde há - sem contar com os médicos militares - um médico para 300.000 habitantes. A colónia, dividida em delegacias, praticamente quem as dirige são os enfermeiros, que desempenham um papel que normalmente compete aos médicos. No entanto, se algo correr mal, o enfermeiro é chamado à responsabilidade por ultrapassar a sua competência quando esta fora comferida pelos seus superiores. Com isto não queremos menosprezar o trabalho dos enfermeiros dedicados ao bem estar dos timores, mas sim DENUNCIAR a manobra tendenciosa para conservar a máquina produtora de força de trabalho.

Ser colonizado é trabalhar legalmente fora da sua competência e sujeitar-se a processos e outras penalizações quando os trabalhos são inconsequentes, fracassam !

Ser colonizado é trabalhar do nascer ao pôr do sol policiado por um capataz e, apesar de tudo, ser rotulado de INDOLENTE !

Aproveitando-se das condições propícias de Timor com os seus micro-climas, e uma vez rapinado ganancio samente até as próprias raízes o "salutífero e cheiroso" sândalo, introduziu-se nos fins do sec. XIX e princípios de XX a monocultura de café, em detrimento de outras colturas que constituem a base de aliemntação, Dentro da "legalidade" colonial institucionaliza da, os timores são conduzidos em massa para desbravar

atas e preparar terrenos em extensões colossais para a cultura de café a troco de uma prisão a que estariam sujeitos se faltassem ao trabalho forçado. Novas técnicas foram introduzidas no tratamento de café: processos de selecção e cruzamento. Pelo contrário, quanto aos produtos da primeira necessidade, a sua produção está condicionada à incipiente e primitiva técnica tradicional. Este facto, paralelamente com a canalização de mãos de obra para os cafezeiros, traduz, inevitàvelmente, a exiguidade do produzido. Assim, se já houve tempos em que Timor exportava, entre outros, arroz e milho, verificamos que no último decénio se assiste anualmente à fome sistemática, em que a importação desses dois produtos básicos nunca satisfazia a nessidade da população. Parte de mão de obra disponível é obrigada ainda a prestar serviço militar obrigatório e, também, a alistar-se nas tropas coloniais das chamadas 2a. linha.

Perante isto, só há uma única via para uma real libertação - Independência total sem qualquer exploração do Homem pelo Homem!

Mas, camaradas! o que se está a passar com Timor e em Timor?

Para responder, achamos necessário situar Timor no seu contexto geo-político, para que melhor se possa compreender qualquer acção que nessa colónia se desenvolva.

Geo-politicamente, Timor encontra-se asfixiado entre as neo-colónias asiáticas, ao serviço da aliança-imperialista nipo-americana. Plantado no meio da ASEAN, bloco formado por Tailândia, Malásia, Filipinas, Indonésia, Austrália e Nova Zelândia, que concertaram uma acção global contra todos os movimentos progressistas existentes no seio de cada um desses países e por eles rotulados de subversivos e insurrectos, sob o pretexto de qualquer um desses movimentos porem em perigo a "instabilidade" dos vários países do bloco. Timor, por ser uma ilha, ao contrário das colónias portuguesas do continente da África, vê o seu movimento de libertação-nacional-revolucionária

não só barbaramente abafado pelo colonialismo português, como este é apoiado pelos países da ASEAN. Senão vejamos: quando o ministro Almeida Santos fez a sua visita ao Oriente, preocupou-se mais em saber as opiniões dos governos da Austrália e da Indonésia, que são os mais directamente interessados, onde permaneceu a maior parte da sua estadia, para chegar a Timor e ditar as "soluções". O governo da Indonésia forneceu-lhe um transporte especial. Dois dias incompletos da sua escala em Timor, um dia foi reservado para uma deslocação ao interior, onde as autoridades administrativas, em colaboração perfeita com a UDT (grupo pró-federação), irão orquestrar no velho estilo colonial: uma recepção apoteótica onde "não faltam bandeiras velhinhas e muitos tambores"! Só quem nunca esteve nas colónias talvez desconheça estas velhas manobras.

A Indonésia faz declarações muito ambíguas: diz no início, que Timor geopoliticamente pertence à Republica da Indonésia, e mais tarde vem a afirmar cinicamente que não está interessada em anexar o território, mas, se o povo de timor-leste quisesse integrar-se na dita comunidade indonésia que o reeeberia Mais ainda, para preparar o seu jogo, o governo indonésio declara que no caso de haver um "crise de autoridade" que invadiria Timor. Não satisfeita com isto organiza um programa radiofónico diário em tetum (lingua que se fala em quase toda a metade leste da ilha instalado em Kupang (capital da outra metade da ilha incitando a população a aderir a APODETI (outro grupo fantoche, pro-integração na Indonésia). Roído pelas próprias contradições, a sua máscara vai caindo gradualmente. Esquecendo o conteúdo da carta que uns meses antes endereçara ao delegado da ASDT (Associação Social-Democrata Timorense), onde felicitava o aparecimento da referida associação partidária pro-independência e declarou que a Indonésia respeitaria a decisão do povo timor-leste , declaração, aliás, amplamente divulgada nos órgãos de imprensa, no dia 3 deste mês, coincidindo com a chegada de um militante da FRETILIN à Austrália, na sua campanha de esclarecimento internacional, o ministro dos negócios es-

trangeiros da Indonésia, Adam Malik, declarou que "a independência de Timor não é uma solução realista".

Como sabemos, a Indonésia foi palco de golpe de estado militar em 30 de setembro de 1965, que instaurou o regime militar-fascista. Embora não haja dados concretos, julga-se de 500.000 a um milhão as vítimas deste sangrento acontecimento. O Partido Comunista da Indonésia (P.K.I.) foi perseguido até aos seus últimos militantes. Neste momento, cifra em milhares os prisioneiros políticos acusados de serem comunistas e subversivos, a aguardar julgamento durante mais de 9 anos, em prisões cujas condições não andam muito longe das dos prisioneiros políticos portugueses no regime fascista derrubado.

Tendo em conta que o governo Indonésio declarou ser anti-comunista, fácil é perceber a propaganda difundida pelo aludido programa radiofónico indonésio, quando acusou os estudantes timores de comunistas, aquando da sua chegada à colónia, em princípios de Setembro deste ano, até à adata, para participar activamente na vida política do povo timor.

Quanto à Austrália, mais uma vez evoca a "instabilidade" geo-política da zona para impedir a independência da colónia, preconizada pela FRETILIN, que é acusada de "esquerda". Disse "mais uma vez" porque foi com a mesma justificação que enviou tropas para Timor em 1941/45, para tentar impedir o avanço imperialista japonês em direcção àquele continente, transformando Tnmor, como já foi dito, palco de guerra durante os quatro últimos anos da 2a. guerra mundial. Ainda invocando "instabilidade", a Austália justificou durante anos o envio de tropas para o Vietnam.

Mas, estes dois países não são os únicos "preocupados" com o futuro de Timor. A Malásia, pela voz do seu primeiro ministro Abdul Razak, deu o seu aval ao Suharto (presidente da Indonésia). Mais discretamente o Japão faz o seu jogo. Sob a capa de ajuda material e moral, em "recompensa" dos prejuízos causados durante a 2a. guerra mundial "criou-se" a Associação Japonesa-Timorense" e tenta infiltrar-se em Ti

mor por todos os poros. Não satisfeito com os fracassos ocorridos antes de 25 de Abril, no sentido de introduzir capitais em Timor-Leste, tenta-se agora novas oportunidades. Dão-se "facilidades" a timores que querem fazer estágios no Japão e "aconselham" a criar qualquer actividade de exploração que eles darão o seu "apoio". O imperialismo, na sua luta pela sobrevivência, estende os seus tentáculos, cada vez mais desesperadamente, à procura de novos campos de exploração.

Após o "25 de Abril", Timor viu surgir as primeiras actividades políticas partidárias. Os senhores da A.N.P. não fizeram mais do que mudar-lhe as siglas (pois oficialmente aquela foi considerada extinta), desta vez mais sofisticadas, mais bem sonantes embora ocas: U."D".T. (União "democrática" Timorense), que preconizava a "autodeterminação mas sempre sob a bandeira portuguesa". Em contra-partida começou o movimento para a organização de uma formação partidária que pugna pela real libertação e independência de Timor-Leste. Assim vemos nascer a A.S.D.T. (Associação Social-Dexocrata Timorense), que cristaliza os anseios dos povos oprimidos. A criação de APODETI (Associação Popular"Democrática" Timoense) não foi mais do que um oportunismo da patte dos seus fundadores, que não conseguiram mobilizar as massas, embora contassem com o apoio do governo indonésio. O reduzidíssimo número dos seus militantes atestam mais uma vez o espírito de liberdade e independência do povo timor, como já frizamos. Atesta, ainda, mais do que isso, a alta consciencialização política do povo timor ao tomar as suas decisões. Ninguém melhor do que as massas sabem o que querem!

Muito recentemente surgiram mais duas formações, lacaios do imperialismo, cujas actividades, por falta de informações, desconhecemos. São elas o P.T.T. (Partido trabalhista de Timor) e a A.P.M.T. (Associação Popular Monárquica de Timor). Tanto esta como aquela preconizam o "statu quo". A APMT prevê a eleição rotativa de um rei, eleito entre os régulos, formando o resto um conselho régio, à moda da Malásia.

Com o crescente trabalho com as massas populares, os elementos da ASDT corrigiram os seus erros iniciais, apresentando progressivamente provas de uma maior maturidade política, que levou a tomadas de posições cada vez mais correctas, tomadas de posição essas que se aperfeiçoarão se a sua articulação com as massas populares for cada vez mais sólidas, o que se tem verificado até à data.

Consciente do seu papel de libertação nacional-revolucionária, em 10 de Setembro último tomou a decisão de se transformar numa larga frente para concretizar os seus objectivos, passando a denominar-se FRETILIN (Frente Revolucionária de TIMOR-LESTE Independente). Como todas as frentes, FRETILIN concentra no seu seio todo o movimento nacional revolucionário, para fazer face ao inimigo comum: o colonialismo, neste momento. Desde a sua fundação que a FRETILIN (anteriormente ASDT) luta pela falta de quadros, pois o sistema colonial fascista sempre impediu e impede a entrada na colónia de qualquer obra de formação política revolucionária, sob o pretexto de evitar "subversão" e "insurreição". Isto não implica, contudo, que as actividades políticas de consciencialização e mobilização parassem ou estacionassem; antes, pelo contrário.

Não pretendemos alongar mais na análise, mas esta é necessária para melhor compreender qualquer acção levada a efeito pela FRETILIN, único e legítimo representante do povo timor-leste.

Neste momento em que o Governo Provisório se declara anti-colonial e já efectivou o processo de descolonização nas outras colónias, nomeadamente a República da Guiné-Bissau, o Governo de Transição de Moçambique, bem como o de S. Tomé e Príncipe a formar brevemente, designação do Alto Comissário para Cabo Verde e contactos inicados com os movimentos de Angola, em relação a Timor a burguesia colonial isola progressivamente o único e legítimo representante do povo Timor-Leste, a FRETILIN, com manobras reaccionárias colonialista-fascistas, tais como:

- pressionar a fusão da FRETILIN com a U"D"T,

manobra já denunciada pela FRETILIN pelo tipo de independência que a U"D"T preconiza - independência com os senhores exploradores intactos;
- suspensão do programa radiofónico "Hacsoloc", da FRETILIN;
- orquestração preparada em conluio com as autoridades administrativas, aquando da visita do ministro Almeida Santos, que contactou "in loco" a força da FRETILIN e que, apesar de tudo, fez afirmações sempre favoráveis a U"D"T;
- proibição da liberdade de expressão, violação de correspondências e escutas telefónicas;
- saneamento ao conrário dos elementos mais activos que deram o seu apoio à luta de libertação nacional revolucionária da FRETILIN; e
- processamento em tribunal dos elementos mais activos da FRETILIN.

CAMARADAS !

Timor, neste momento, não é mais do que um caixote de lixo, onde muitos torcionários que andavam na Guiné, em Angola e em Moçambique se juntam em força e em peso, quando na própria colónia urge um saneamento eficaz. Tal como no passado, está a ser canalizada para Timor a escumalha vinda das colónias portuguesas da África. Aliás, aquando da visita do ministro foi apresentada uma lista de saneamento dos elemntos mais reaccionários, os quais, pela surpresa de todos, foram promovidos em vez de saneados!

Com estes condicionalismos todos - preocupações da Austrália, ameaças e pretensões da Indonésia que não esquece facilmente as suas velhas ambições imperialistas e a repressão das autoridades administrativas coloniais - com estes condicionalismos todos, dissemos nós, a margem de acção dos que estão empenhados na luta de libertação nacional é extremamente reduzida. Para já, é evidente que a coerência da FRETILIN deve ser medida mais pelos seus actos do que pela sua linguagem táctica.

Para terminar, queremos alertar e apelar os cam

maradas presentes para dar maior divulgação e apoio à luta nacional-revolucionária que a FRETILIN está a desenvolver neste momento em Timor-Leste, pela libertação e independência do povo, que já há meio milénio vem sendo esmagado, oprimido e massacrado pelo colonialismo, que tenta ainda prolongar desesperadamente a situação, para poder explorar até ao último o que não conseguiu até à data.

CAMARADAS !

Assim como não existe fascismo liberal, também não há colonialismo democrático. A independência total sem qualquer exploração do Homem pelo Homem é a única via para uma real libertação. Unamo-nos numa frente única, bem sólida, na luta contra o colonialismo, na certeza de que este arrstará na sua queda o capitalismo.

A luta continua até à vitória final !

FRETILIN vencerá porque o povo vencerá !

ABAIXO O COLONIALISMO !
ABAIXO O NEO-COLONIALISMO !
ABAIXO O CAPITALISMO !
ABAIXO O IMPERIALISMO !.

VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS OPRIMIDOS DE TODO O MUNDO !

VIVA O MPLA !

VIVA A JOVEM REPUBLICA DE GUINE-BISSAU E A SUA VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA, O PAIGC

VIVA A FRELIMO !

VIVA O MLSTP !

VIVA A JUSTA LUTA DO POVO PORTUGUES !

VIVA A F R E T I L I N , UNICO E LEGITIMO REPRESENTANTE DO POVO TIMOR-LESTE !